



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

REUNIÃO PRESIDENCIAL DO MECANISMO DE CONSULTA E CONCERTAÇÃO POLÍTICA

Acapulco, México
27 de novembro

A América Latina precisa crescer. Esta é uma imposição histórica. Nenhum governante que responda à vontade popular dela pode afastar-se. Aqui estamos para reafirmar que dela não nos afastaremos.

21 de novembro — A decisão do Governo dos Estados Unidos de sobretaxar produtos brasileiros em represália à política de mercado para a informática pode custar 700 milhões de dólares ao Brasil.

26 de novembro — O «Grupo dos Oito», cuja dívida alcança a casa dos 343 bilhões, vai procurar estabelecer uma base comum de negociações com os países credores e instituições internacionais. Do «Grupo dos Oito» fazem parte, além do Brasil, Argentina, Colômbia, México, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela.

26 de novembro — O Presidente Sarney chega ao México para o encontro de cúpula de oito Presidentes latino-americanos em Acapulco. O objetivo do encontro é tratar do problema da dívida externa. O Presidente Sarney comenta que «começa no México uma nova e decisiva etapa da integração latino-americana».

26 de novembro — O governo decreta uma mini-reforma financeira. Entre outras medidas é criada a Letra Financeira do Tesouro (LFT) e definido critérios para a ampliação da dívida interna.

27 de novembro — O Brasil inicia, em Nova York, mais uma rodada de negociações com os bancos credores privados, visando um acordo de longo prazo para a dívida externa.

— «É chegado o momento da rebeldia da América Latina contra o imperialismo», declara o presidente do Peru, Alan Garcia, ao desembarcar em Acapulco.

— O Presidente Sarney defende a total integração de Cuba no sistema latino-americano.

Ê com imensa satisfação que, como Presidente do Brasil, vejo meu País integrado na reflexão profunda dos problemas da América Latina que hoje nos reúne, nesta cidade de Acapulco, expressão maior da hospitalidade, da beleza e do progresso do México.

São ventos novos que sopram no nosso continente.

Os ventos da independência. Os ventos da autonomia, do pleno exercício de nossas políticas externas sem os grilhões das grandes potências nem a limitação menor dos pequenos conflitos.

Este vento é a História.

Pela primeira vez nos reunimos sem a convocação de uma grande potência. Vamos discutir o destino de uma parte importante do mundo, as nossas perplexidades, as nossas esperanças, os nossos abismos. Vamos identificar os dragões do nosso atraso e de nossas frustrações.

Vivemos tempos difíceis.

São tempos de crise.

O grande enigma da América Latina permanece identificado: como explicar a persistência de uma pobreza avassaladora em meio a uma extraordinária abundância potencial de recursos?

Damo-nos conta, não sem um sentido amargo, de que o quadro de atraso e dependência prevalecente no continente permanece como um desafio à imaginação e à capacidade de nossas lideranças políticas e intelectuais.

Estamos longe de cumprir com as legítimas expectativas de nossos povos. E o que é mais dramático, apesar de todos os progressos que pudemos alcançar em diversas áreas: estamos hoje comparativamente em situação inferior à em que nos encontrávamos no início do século.

Quase todos os países latino-americanos de maior potencial tinham, no final da Segunda Guerra Mundial, rendas *per capita* muito superiores às da Coreia do Sul e de Taiwan. Alguns estavam mesmo à frente de países como a Finlândia, a Áustria, a Itália e a Espanha.

A maior parte dos países latino-americanos ultrapassava a Grécia, Portugal e a Turquia. Até 1960, diversos países latino-americanos estavam à frente ou empatados com o Japão.

Hoje, estes países, com os quais nos comparávamos favoravelmente há poucos anos, revelam taxas notáveis de crescimento. A América Latina, porém, regrediu. A renda *per capita* média da região mal supera o nível de 1975.

Cada um de nós assiste, no desenrolar às vezes angustiante de nosso cotidiano, aos efeitos perversos de uma situação internacional para cujo desenho não contribuímos, mas que se abate sobre nós.

Carente de recursos para sustentar o seu desenvolvimento e propiciar condições de vida condignas a suas populações, a América Latina é ainda assim transformada em exportadora líquida de capitais. Pregam-nos ajustes que os países desenvolvidos não parecem dispostos a empreender em suas próprias economias.

Não queremos transferir responsabilidades. Temos dado repetidas demonstrações de maturidade, de equilíbrio no encaminhamento dos compromissos que assumimos e que não repudiamos. Torna-se, entretanto, indispensável, que a situação da região seja hoje percebida e encarada em sua complexa totalidade; em suas dimensões política, econômica e financeira, que compõem um conjunto indissociável.

A América Latina precisa crescer. Esta é uma imposição histórica. Nenhum governante que responda à vontade popular dela pode afastar-se. Aqui estamos para reafirmar que dela não nos afastaremos.

Tampouco nos afastaremos da determinação de participar plenamente das grandes decisões internacionais em matéria política e de segurança. Vemos com apreensão a

tentativa de reeditar arranjos internacionais predcados no poder e fundados na preeminência dos interesses estratégicos das grandes potências.

Não podemos aceitar que se tente desacreditar e desvirtuar o sentido democrático e participativo do sistema multilateral.

Para que estejamos em condições de responder adequadamente a este desafio, o essencial é que comecemos a trabalhar entre nós, que criemos as condições para que a nossa vontade política se traduza efetivamente em mudanças concretas e fundamentais em nossa região.

Buscamos soluções comuns para os problemas que nos são comuns. Nossas sociedades partilham um legado inestimável. Somos pluralistas, tolerantes e profundamente abertos ao diálogo. Valorizamos o que é nosso, o que é autenticamente latino-americano, sem, no entanto, repudiar o que vem de fora. Somos a fusão de muitos povos, de muitas culturas. Somos o novo que nasce das mais antigas tradições.

A conciliação, a busca do compromisso e do entendimento, é parte de nossa maneira de ser. Porém, não somos conformistas. Acreditamos na nossa força, na nossa capacidade de moldar o destino em função da visão que fazemos do mundo e de nosso papel histórico.

Tudo nos conduz a identificar caminhos que possamos percorrer juntos.

É indicativo do espírito de paz e de concórdia predominante em nossa região o apoio decidido que gerou a iniciativa de declarar o Atlântico Sul zona de paz e de cooperação. Esta é hoje uma causa de toda a América Latina e que acentua os vínculos de toda ordem que nos unem às nações irmãs do continente africano.

Da experiência enriquecedora dos Grupos de Contadora e de Apoio foi que nasceu este nosso Mecanismo Permanente de Consulta e Concertação Política. Foi com esse mesmo espírito de composição e de empenho político que os chefes de Estado dos cinco países centro-americanos se inspiraram para concluir o histórico Acordo de Esquipulas II.

Senhores Presidentes,

A América Latina não pode ser um território nem uma sombra de confronto. Não podemos ser instrumento de manobras.

A América Latina não pode ser devorada pela incapacidade de vencer a inflação que é uma constante em nossas economias.

A América Latina não pode ser uma reserva de mercado para um mundo de tecnologias desenvolvidas e uma região condenada à colonização científica e cultural.

O mundo do futuro será dividido entre os que produzirão tecnologia e os que se limitarão a consumi-la. Se nos unirmos — se viermos a implantar mecanismos eficazes de cooperação para a pesquisa e a produção científica e tecnológica —, teremos condições de resolver por nós mesmos os problemas crescentemente complexos que caracterizam a sociedade contemporânea. Se não, teremos de nos resignar à dependência e ao atraso.

A América Latina não pode ser o continente da retórica do pessimismo, do lamento. Da busca das revoluções impossíveis. Dos messias postergados. Da revolta, da censura, da tristeza.

A América Latina tem de ter a consciência da saída. De suas potencialidades, de sua soberania, de sua presença no futuro.

Onde está esse caminho?

Na integração. Na economia dos conjuntos. Na superação dos conflitos locais. Na unidade.

O Brasil junta-se a esse esforço. O Brasil volta-se para seus vizinhos. O Brasil dá as mãos a seus irmãos e deseja crescer com eles.

Temos um direito no mundo. O direito de progredir. De todos progredirmos, sem discriminação, sem exclusões fundadas em ressentimentos históricos ou ideológicos. Devemos chamar todas as nações americanas a um convívio fraterno.

Acabou a era de esperar de fora a ajuda salvadora. Não existe vontade política dos países industrializados para

retirar a América Latina de seu trágico atraso. Teremos de lutar com nossas próprias forças.

A dívida, o abandono, o baixo preço das matérias-primas, os juros, as sanções, as retaliações, tudo nos indica que não devemos ter ilusões.

Devemos ter a consciência da realidade dos nossos tempos.

Tudo nos aponta a direção. A História nos chamou para essas responsabilidades: a integração e a cooperação.

Esta é uma reunião histórica. É a primeira.

Vamos para o mercado comum, com realismo, para não criar frustrações. Mas com decisão.

Vamos para a defesa de nossas riquezas e interesses.

Vamos para a unidade.

Se formos capazes de plantar estas sementes, o futuro será nosso.

Que seja o lema do nosso encontro: sair das palavras, desencadear as ações.

Termino com versos de Octavio Paz. A transfiguração das palavras, pelo milagre da poesia:

Aparece.

Ayúdame a existir

Ayúdame a existir.

Oh, inexistente por la que existo

Oh, presentida que me presente

Soñada que me sueña

Aparecida desvanecida

Ven, vuela, adviene, despierta

Rompe diques, avanza.